

DECLARAÇÃO DOS BISPOS CATÓLICOS DE MOÇAMBIQUE

Reunidos na nossa primeira Sessão Plenária deste ano, 2021, nós os bispos católicos de Moçambique, com o coração cheio de tristeza, como todo o cidadão moçambicano que se identifica com o bem do país, deploramos a trágica situação que vive a população de Cabo Delegado; lamentamos a prevalecente insegurança nas populações do centro do país e estamos inconformados com a insegurança alimentar e a fome que afetam a outras populações.

Em Cabo Delegado pessoas indefesas são mortas, feridas e abusadas. Elas veem seus bens pilhados, a intimidade dos seus lares violada e suas casas destruídas. São obrigadas a abandonarem a terra que os viu nascer e onde estão sepultados os seus antepassados. Estes nossos concidadãos, a maioria mulheres e crianças, são empurrados para o precipício da insegurança e do medo. Deploramos a prevalência deste estado de coisas, sem indicações claras de que a breve trecho haverá superação, o que faz crescer e consolidar o entendimento de que há uns poucos que se apoderaram da nação e dos seus recursos. Recursos que, em lugar de serem postos ao serviço das comunidades locais e tornarem-se fonte de sustento e de desenvolvimento, com a construção de infraestrutura, serviços básicos, oportunidade de trabalho, são subtraídos, na total falta de transparência, alimentando a revolta e o rancor, particularmente no coração dos jovens, e tornando-se fonte de descontentamento, de divisão e de luto.

Reconhecemos que um dos motivos fortes que move os nossos jovens a se juntarem às várias formas de insurgência, desde a criminalidade ao terrorismo, ou também aquela outra insurgência, não menos nociva, do extremismo político ou religioso, assenta na experiência de ausência de crença num futuro favorável por parte dos nossos jovens. Para a maioria deles não há oportunidades de se construir uma vida digna. Sentem que a sociedade e quem toma as decisões ignoram o seu sofrimento e não escutam a sua voz. É fácil aliciar pessoas, cheias de vida e de sonhos, mas sem perspectivas e que se sentem injustiçadas, a aderirem a propostas de uma nova ordem social imposta com a violência ou a seguir ilusões de fácil enriquecimento. Como podem ter os jovens perspectivas se o próprio país parece não ter rumo, um projeto comum, no qual são convidados a serem colaboradores ativos e que alimente a sua esperança?

É nossa posição de que nada justifica a violência. Nem a situação difícil, de falta de uma perspectiva coletiva, partilhada como uma nação, deve desviar-nos, como um povo ou segmento social, para o caminho de qualquer tipo de insurgência. No entanto, manifestamos a nossa total solidariedade com os mais fracos, com os jovens que anseiam uma vida digna. Como Igreja, para além da missão espiritual própria, tem sido sempre nosso compromisso de colaborar para o bem da nação, apontando os perigos e esperando sempre que quem tem responsabilidades atribuídas busquem as devidas soluções; Sempre mantivemos colaboração concreta no campo do bem estar do nosso povo na educação escolar, na saúde e no desenvolvimento humano. Em tudo desejando colaborar na reconstrução do tecido social ferido por traumas antigas e recentes.

Continuaremos a redobrar os esforços para acolher os desamparados, proporcionando-lhes escuta e consolação, além de meios de sustentação partilhados pelos crentes. Gostaríamos de

poder oferecer, às nossas crianças e jovens, percursos educativos que os abra aos valores do respeito e da amizade e possam ver o sonho de um futuro melhor realizado. Reiteramos a nossa disponibilidade de colaborar com as forças vivas do nosso país para uma nova ordem social onde o egoísmo deixe o espaço à solidariedade, e juntos com as autoridades, se elabore um projeto de país que contemple todo o cidadão, privilegiando os mais marginalizados e desfavorecidos.

Exortamos à comunidade internacional, às organizações presentes no país e às forças políticas nacionais para unirem os esforços e, pondo de lado os interesses de parte, se socorram as populações deslocadas, as que vivem em grave insuficiência alimentar, expostas às doenças endémicas e sem acesso aos serviços básicos; se criem oportunidades de trabalho e de desenvolvimento para todos, particularmente para a juventude e se apliquem *in loco* os recursos naturais disponíveis; se contribua para a pacificação, protegendo a população, fechando as vias de financiamento à guerra, isolando e travando indivíduos ou grupos que tiram proveito da tragédia de Cabo Delegado.

Apesar dos momentos difíceis ninguém perca a esperança. Como refere a Encíclica do Papa Francisco “*Fratelli Tutti*”, a “esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna. Caminhemos na esperança!

Maputo, 16 de Abril de 2021

Bispos da CEM

Dom Lúcio Andrice Muandula
(Presidente)